

REPERTÓRIO
LIVRE

BALLET ON-LINE E CAPITAL SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

*VIRTUAL BALLET AND SOCIAL
CAPITAL IN PANDEMIC TIMES*

*BALLET ON-LINE Y CAPITAL SOCIAL
EN TIEMPOS DE PANDEMIA*

REBECA RECUERO REBS

RESUMO

Busca-se compreender os capitais sociais potencializados na articulação entre a dinâmica social da internet e o ensino da dança clássica diante da situação mundial de distanciamento social causada pelo novo coronavírus. Discute-se valores sociais atrelados aos conceitos de capital social na dinâmica do *ballet* e na sua transformação/adaptação no ciberespaço. Parte-se de uma Netnografia em uma escola de dança clássica que, devido à pandemia, teve que se adaptar ao contexto *on-line* para manter suas atividades. Percebeu-se que o ensino do *ballet* mediado pela internet aponta para a resignificação dos tipos de capital social priorizados por esta arte na internet, incidindo em novos formatos para suas manifestações culturais, artísticas e sociais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVES:

ballet clássico; capital social; pandemia; cibercultura; valores sociais.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the potential social capitals articulated through the social dynamics of the internet and the teaching of classical dance in the face of the need for social distance caused by the new coronavirus. We discuss social values linked to the concepts of social capital for the dynamics of ballet and its transformation / adaptation in cyberspace. Our case study is focused on a netnography of a classical dance school that, due to the pandemic, had to adapt to the on-line context to maintain its activities. Our conclusions discuss teaching of ballet mediated by the internet points to the redefinition of the types of social capital prioritized by this art on internet, focusing on new formats for its cultural, artistic and social manifestations in contemporary times.

KEYWORDS:

classic ballet; social capital; pandemic; cyberculture; social values.

RESUMEN

Buscamos comprender el capital social potencializado en la articulación entre la dinámica social de internet y la enseñanza de la danza clásica ante la situación mundial de distanciamento social provocada por el nuevo coronavirus. Discute los valores sociales vinculados a los conceptos de capital social en la dinámica del ballet y su transformación / adaptación en el ciberespacio. Se parte de una Netnografía en una escuela de danza clásica que, debido a la pandemia, tuvo que adaptarse al contexto online para mantener sus actividades. Se notó que la enseñanza del ballet mediada por internet apunta a la redefinición de los tipos de capital social priorizados por este arte en internet, enfocándose en nuevos formatos para sus manifestaciones culturales, artísticas y sociales en la época contemporánea.

PALABRAS CLAVES:

ballet clásico; capital social; pandemia; cibercultura; valores sociales.



INTRODUÇÃO

O CENÁRIO MUNDIAL na atualidade é o de distanciamento social. Uma pandemia – causada pelo coronavírus (covid-19) é a causa para que a maior parte da sociedade fique em casa, evitando todo e qualquer tipo de contato social com a finalidade de achatar a curva de contaminação desta doença viral e infecciosa que pode causar problemas respiratórios graves, levando os doentes a óbito.¹ Desse modo, milhares de atividades desenvolvidas em instituições físicas (como escolas, igrejas, academias, empresas etc.) foram transpostas para o mundo virtual a fim de evitar o contato social – principal forma de transmissão do vírus (WILDER-SMITH; FREEDMAN, 2020) – e dar continuidade ao trabalho, ao estudo, à vida social, mantendo (ainda que minimamente) a economia do país funcionando. Entre estas atividades, está o ensino da dança clássica. Além de uma atividade física e mental (SKIBA et al., 2018), ela compreende o repasse de uma técnica específica, de uma cultura, de uma arte com estéticas particulares e de um conhecimento que implica em repetições, em esforço e dedicação do(a) bailarino(a). (FUX, 1983) Essa atividade – enquanto aprendizagem de uma técnica – em geral é vigiada pelo(a) professor(a), (um(a) profissional formado(a) ou com conhecimento técnico suficiente, capaz de repassar ensinamentos e formar o(a) bailarino(a) dentro de sua especificidade.

1 Mais informações disponíveis ver em: <https://sbpt.org.br/portal/coronavirus/>.

Entretanto, o mundo virtual, ainda que possa ser entendido (em partes) como uma representação do mundo concreto, tem diversas particularidades e necessita da internet para mediar a sua comunicação, implicando em novas significações. (LÉVY, 2010)

Desse modo, essas instituições tiveram a necessidade de adaptar-se ao ciberespaço, sofrendo não apenas com a dificuldade de lidar com seus limites – sejam eles técnicos, sociais, econômicos ou culturais –, como também com a necessidade de compreender e usufruir de forma positiva as suas potencializações, a fim de dar continuidade ao ensino da dança. Essas adaptações parecem agir sobre os valores priorizados pela dança clássica, ainda que momentaneamente (durante o distanciamento social). Ou seja, o que é potencialmente buscado na estética do *ballet* clássico por seus grupos de pertença, parece abrir espaços para a potencialização de outros tipos de valores que são característicos do mundo virtual e de suas redes sociais, e que parecem não apenas trazer outros sentidos como também ressignificados para o *ballet* e, possivelmente, outras formas de dança ensinadas por meio do ciberespaço.

Assim, este trabalho foca na compreensão dos capitais sociais potencializados, desenvolvidos e/ou adaptados pela articulação do ensino da dança clássica com suas redes sociais na internet diante da situação atual e mundial de distanciamento social gerada pelo coronavírus. O capital social é entendido neste trabalho como o “conjunto de recursos de um determinado grupo que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade”. (RECUERO, 2009, p. 50)

Como recorte, desenvolveu-se uma netnografia² por 120 dias (quatro meses) em uma escola de *ballet* clássico que tinha o ensino totalmente presencial e que se viu obrigada a se adaptar ao mundo virtual, migrando as aulas de dança para o ciberespaço devido à situação de saúde pública. O foco, entretanto, não recai nos métodos ou eficiência de ensino, mas sim na observação das dinâmicas sociais construídas através das interações mediadas pela internet entre a escola, seus alunos e as formas de ensino remoto, implicando, então, na compreensão da potencialização do capital social da dança clássica repassada em aulas *on-line*.

2 A netnografia (ou etnografia virtual) pode ser compreendida como a modalidade online de etnografia. Ela contribuirá muito para pesquisa qualitativa por focar sua análise ou dialética da cultura (compreendendo-a como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana) ocorrente no universo virtual. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2009; REBS, 2011) De acordo com Hine (2000, p. 4) – uma das primeiras pesquisadoras a utilizar a abordagem –, “uma etnografia na Internet pode olhar em detalhes para as formas pelas quais a tecnologia é experienciada em uso”.

DO CAPITAL SOCIAL DO *BALLET* PARA O CAPITAL SOCIAL NO CIBERESPAÇO

Todas as formas de relações sociais são regidas pelo capital social (BOURDIEU, 1983) que será caracterizado não apenas por estruturar as sociedades, como também por coordenar as suas dinâmicas. O capital social está introduzido nas relações sociais e também é determinado pelo conteúdo delas, existindo por meio de investimentos e custos para os envolvidos e esforço de sociabilidade (BERTOLINI; BRAVO, 2004) Capital social, então, pode ser compreendido como os valores seguidos, buscados e compartilhados por grupos sociais e seus indivíduos através de suas interações.

Entretanto, cada rede social³ terá dinâmicas sociais peculiares que irão caracterizar comportamentos coletivos sistematicamente observados em um local e tempo específico, ou seja, o capital social trocado será muito peculiar à cada rede, dentro de seu contexto temporal e histórico. Bertalanffy (1975) aponta, inclusive, que para compreendermos os fenômenos sociais de uma rede (um grupo/comunidade de sujeitos), é preciso estar atento às suas modificações ao longo do tempo, à sua dinâmica dos processos, o que implica em perceber as suas afetações e o desenvolvimento de valores sociais (capital social) capazes de direcionar as significações do fenômeno.

Na dança – e no caso, no *ballet* clássico – a dinâmica social também irá refletir o funcionamento do grupo, assim como certos tipos de capital social (buscados pelos(as) bailarinos(as) e professores(as) com mais afinco) serão diferentes – na intensidade – do que em outros grupos (como por exemplo, um grupo de amigos que vai ao cinema). O *ballet* parte do ensino, do domínio de uma técnica específica focada em um controle de si, do corpo e dos demais integrantes do grupo. (FUX, 1983) Por exemplo, em uma escola formativa de bailarinas(os) profissionais valoriza-se a execução considerada perfeita da técnica, a musicalidade, a flexibilidade, a agilidade, a disciplina e o controle físico talvez mais do que a interação social por meio de conversas que focam na manutenção de relacionamentos (como seria, por exemplo, em salas de bate-papo). Talvez justamente por se tratar da execução de uma técnica artística e do caráter de disputa por espaços de “destaque”

3 Redes sociais são caracterizadas como sendo estruturas sociais formadas por atores (as pessoas) e suas conexões (laços). (WASSERMAN; FAUST, 1994)

nos espetáculos (CARVALHO, 2005), ou seja, por incentivar dinâmicas sociais, focadas na competição. (PEREIRA, 2014)

Bertolini e Bravo (2004) percebem o capital social em cinco categorias passíveis de serem visualizadas em grupos sociais, sendo as duas últimas um amadurecimento das três primeiras. Seguem: (1) O capital relacional compreende os laços sociais, os relacionamentos entre os indivíduos que os conectam e permitem a formação da rede social. (2) O capital normativo é o conjunto de regras, de normas que irão manter o funcionamento e a organização do grupo social, bem como os seus valores preconizados. (3) O capital cognitivo – ou informativo – compreende o conhecimento, as informações buscadas, compartilhadas e valorizadas pelo grupo social. (4) O capital confiança no ambiente está associado à segurança, à confiança que o indivíduo deposita no grupo ou outro indivíduo em determinados ambientes. Por fim, (5) o capital institucional constitui a estruturação dos grupos sociais, regida por um alto nível de cooperação e coordenação.

Pode-se intuir que o capital relacional na dança clássica ocorra na interação entre os(as) bailarinos(as), no seu convívio social e com os(as) professores(as). Do mesmo modo, o capital de confiança no ambiente pode ser observado nos processos de confiança no(a) professor(a), no(a) parceiro(a), na instituição na qual se faz parte (e que leva, em um primeiro momento, um certo tempo para ser desenvolvido). O capital institucional parte justamente quando grupos sociais – podemos pensar em escolas de dança ou mesmo grupos de diferentes níveis da escola – oferecem subsídios e base para ações de cooperação em espetáculos ou eventos.

Entretanto, no *ballet* clássico a rigidez técnica é uma característica essencialmente valorizada. (ASSUMPTÃO, 2003; KERCHÉ, 2014) A busca pela execução de movimentos considerados “perfeitos” para sua estética, que conversem com a música, com a interpretação e com o corpo do bailarino dentro do método trabalhado e em constante disciplina, tornam-se fundamentais na aprendizagem, pois são exigidos e esperados pelo olhar externo. O “sentir”, o “fazer” são pensados, são memorizados e repetidamente executados com a finalidade de chegarem o mais próximo possível da estética⁴ Clássica. Além disso, ainda há a constante procura por um controle do corpo, inclusive em suas formas anatômicas, a fim de se enquadrarem nas produções feitas pelas grandes companhias de *ballet*. (ANJOS, OLIVEIRA; VELARDI, 2015)

4 O *ballet* possui relação com a verticalidade, buscando uma imagem alongada (como o uso das sapatilhas de pontas) que trazem os olhares para os pés. Do mesmo modo, os movimentos repetidos dentro da técnica e a sincronidade do grupo, a técnica do movimento, o *endehors* (os pés virados para fora) são alguns dos elementos que caracterizam esta estética. (LOURENÇO, 2014)

Desse modo, o aprendizado desta arte envolve e se caracteriza pela busca por um capital normativo e cognitivo desenvolvido pelo reconhecimento e desejo de absorver todas as informações provenientes do mestre/professor para o condicionamento e doutrinamento do próprio corpo. Esse esforço também parte do(a) mestre, que desenvolve um olhar rigoroso sobre o(a) aluno(a) que executa os movimentos, buscando reconhecer e identificar o melhor caminho para concretizar a melhor dança possível por meio da interação social e física. (CARVALHO, 2005) Assim, o(a) “mestre” e as “grandes” escolas de dança se tornam detentoras do conhecimento e passagem das técnicas da dança clássica.

Com a pandemia, o processo de ensino do *ballet* necessitou ser revisto, pois o distanciamento físico passou a ser necessário. Novos lugares de interação e que permitissem a segurança da saúde dos integrantes foram buscados e estudados. O ciberespaço toma força e se torna, assim, o novo suporte destas interações sociais. (BULHÕES, 2020)

Entendido como o espaço virtual mediado pela internet que carrega consigo lógicas de sociabilidade, de saberes coletivos e dinâmicas peculiares da cibercultura (LÉVY, 2010), o ciberespaço vai se compor de lugares virtuais, com cenários múltiplos, sociais e dinâmicos onde as pessoas podem interagir a qualquer momento e em qualquer lugar do planeta. Isso porque o ciberespaço será suportado por servidores e terminais que estão conectados à internet, possibilitando a circulação de informações por entre seus circuitos digitais. Este tráfego de informação caracteriza-se por ser instantâneo e reversível, o que o torna um espaço real, não físico e ubíquo. (LEMOS, 2002)

Entretanto, a estrutura e a organização virtual possuem uma dinâmica peculiar e que necessitou ser entendida por estas instituições que migraram suas atividades para a modalidade *on-line*, visto que, não é igual ao ambiente físico.

O fazer digital em dança não obedece e nem poderia obedecer a mesma lógica do fazer presencial. Encontramos dificuldades desse entendimento pela pouca exploração do meio que tivemos até aqui. Atualmente a necessidade nos colocou em um grau de intimidade com as tecnologias digitais como nunca antes, gerando

conflitos processuais justamente pela tentativa de justaposição de métodos buscando os mesmos resultados. Também se mostra comum uma sensação hierarquizante entre o digital e o físico, onde o digital é na maioria das vezes considerado como inferior. Na verdade, não há como compararmos o mundo virtual e o mundo físico, um não significa a exclusão do outro. (NICOLINI, 2020, p.143)

O espaço, o tempo e o corpo irão adquirir outras definições pelas tecnologias, implicando ao bailarino (que interage por meio delas) uma aprendizagem de como mover-se, a fim de ganhar experiência nestes lugares (SANTANA, 2006) e partilhar do capital social da dançaclássica. Estas percepções refletidas em torno da dança e das tecnologias já são trabalhadas e pensadas quando se trata da linguagem da videodança. (CAPELLATO; OLIVEIRA, 2014; SCHULZE, 2010) Tecnologias potencializam e direcionam o olhar do telespectador ao corpo, ao espaço, ao movimento da dança pensado pelo coreógrafo e/ou produtor/editor, determinando elementos estéticos como valores desta arte. Entretanto, quando se pensa no ensino de uma prática e/ou técnica de dança, é necessária essa reflexão de que o espaço-tempo virtual é diferente do espaço-tempo físico, exigindo uma compreensão das peculiaridades deste universo sem comparar ou transpor a prática de um para o outro.⁵

Ainda que do mesmo modo que no universo concreto, quando se pensa na possibilidade de lugares para o desenvolvimento da socialização e da comunicação (LÉVY, 1999), no ciberespaço existirão lugares comuns que são facilmente acessíveis em tempo síncrono por pessoas distante geograficamente. Desse modo, facilmente são formadas “comunidades virtuais”⁶ (RHEINGOLD, 1994) com grandes quantidades de indivíduos, bem como se amplia a possibilidade de diversidade de grupos com interesses em comum. A existência destas comunidades virtuais pressupõe não apenas a interação entre seus membros, mas também a identificação com o grupo, que parte do desenvolvimento do sentimento de pertença desenvolvido pelos seus participantes (PALACIOS, 1998), bem como a partilha de capitais sociais em comum (tal qual existem nos espaços concretos). Estas comunidades ainda possuem a facilidade de perpetuar seus laços sociais,⁷ pois o sistema das plataformas de redes sociais não exige do sujeito um esforço para “manter suas amizades”, mesmo aquelas oriundas de outros lugares distantes geograficamente

5 Conforme abordado por Nicolini (2020).

6 As comunidades virtuais são grupos sociais que se constituem através da internet. Eles são formados quando uma quantidade suficiente de sujeitos interage por um certo tempo e passam a partilhar valores em comum, desenvolvendo laços sociais e despertando sentimentos de pertença ao grupo no espaço cibernético. (RHEINGOLD, 1994)

7 O conteúdo das interações sociais promove o desenvolvimento de laços sociais. Eles ainda são classificados como fortes (demandam de investimento entre os atores sociais, propiciando uma troca mais abundante de capital social) ou fracos (não compartilham de tanta confiança, de tanta troca de conteúdo). (GRANOVETTER, 1973)

(basta aceitar a solicitação de amizade e as conexões serão mantidas pelos sistemas, diferente das interações físicas que desprendem de um maior esforço). Tem-se certo “controle” e fácil acesso aos por meio do computador.

A intensidade com que estas trocas e partilhas acontecem também entra na lógica da internet, que permitirá a potencialização de valores sociais devido às qualidades peculiares, conforme abordadas por boyd (2007).⁸ Há a permanência das informações na rede (ou seja, uma vez postada a informação, ela fica acessível a diferentes sujeitos); a facilidade de encontrar “coisas” e/ou pessoas na rede (buscabilidade); a fácil viralização ou replicabilidade das informações (consequentemente permitindo uma fácil difusão de informações) e a existência de audiências invisíveis (ou seja, pessoas que “seguem” perfis, visualizam vídeos e não são identificadas, apenas quantificadas, deixando assim, rastros). Assim, sujeitos usufruem das qualidades do meio para adquirirem valores sociais que não eram facilmente acessíveis fora do ambiente digital e que são potencializados na internet, como a facilidade em se tornar popular, a alta visibilidade pública ou mesmo o rápido desenvolvimento de reputação ou autoridade em certos assuntos. (RECUERO, 2009)

Essa valoração – associada ao capital social na Rede – indica estar atrelada ainda à possibilidade de (re)construção e manipulação identitária dos sujeitos nestes ambientes, pois é permitida uma maior horizontalidade no que se quer mostrar e/ou divulgar, implicando em um foco nas interações com o outro, no modo como o sujeito (entende que) é visto e em como ele pretende (ou gostaria) ser visto. (REBS, 2014)

Justamente compreendendo essas particularidades dos ambientes virtuais para a ocorrência das interações sociais, é que Recuero (2005) apontou que certas plataformas de redes sociais pareciam priorizar o capital social relacional (ainda que seja possível visualizar os outros tipos), pois a maior parte das conexões entre os atores focavam na manutenção dos laços sociais (por exemplo, “curtir” uma foto, conversar em *chats*, etc.). Ou seja, é possível pensar que o mundo virtual favorece a interação social pela sua função comunicativa, especialmente no distanciamento social. Primo (2020) aponta, inclusive, que estas plataformas passaram a ser usadas para a manutenção dos relacionamentos com amigos e familiares no período de distanciamento social, mostrando-se como uma importante forma de enfrentamento das dificuldades sentidas no período.

8 O nome da autora é escrito todo em letras minúsculas (danahboyd).

PERCURSO METODOLÓGICO

Visando compreender os valores sociais potencializados e desenvolvidos pela articulação do ensino da arte – em especial a dança clássica – por meio da internet com suas redes sociais diante da situação mundial de pandemia, optou-se pelo desenvolvimento de uma netnografia. (HINE, 2000) Ela caracteriza por ser um processo aplicado às comunidades situadas no universo virtual, buscando estudar as práticas sociais, de artefatos que constituem cultura, voltando a sua atenção para o estudo das interações, dos usos e apropriações de meios feitas pelos grupos que estão no ciberespaço. (KOZINETS, 2014; REBS, 2011) Desse modo foram acompanhadas as interações, as ações e movimentos virtuais voltados para o formato *on-line* do ensino da dança.

A netnografia foi dividida em três etapas.

- a. **Análise documental:** Esta análise consistiu em uma coleta de informações referentes ao ambiente analisado: ou seja, as aulas de *ballet* clássico. Assim, não apenas se buscou informações das formas de ensino e capital social priorizados pela escola anteriormente à pandemia, como também as intenções e valores sociais por meio do ensino durante a pandemia.
- b. **Observação participante:** foi dividida em duas etapas.
 - *Das aulas on-line:* acompanhou-se as aulas de uma turma de *ballet* clássico que eram realizadas duas vezes por semana pelo período de 45 minutos. O objetivo dessa observação participante era a de compreender os valores sociais preconizados (suas significações e objetivos) desenvolvidos pela aula (tanto para alunos quanto para professores) dentro do contexto da nova modalidade virtual de aula.
 - *Das atividades “extras”:* desenvolvidas virtualmente para partilhar diferentes tipos de capital social tanto com os(as) alunos(as), quanto para o público virtual. Entre estas atividades tivemos a exposição de videodanças, realização de eventos (tanto de entretenimento, quanto de ensino) e *lives* por meio do *Instagram*.

- c. **Entrevistas:** realizou-se dois momentos de entrevistas. O primeiro deles se caracterizou pela aplicação de entrevista semiestruturada *on-line* (por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas) em 40 alunos da escola⁹ (incluindo os alunos da turma observada). O segundo momento se caracterizou por entrevistas abertas desenvolvidas com três sujeitos participantes da escola. Eles eram (1) a diretora da escola; (2) um professor e (3) uma aluna. O objetivo desta etapa era a de coletar mais informações qualitativas capazes de complementar os dados já adquiridos, bem como trazer informações não possíveis de serem obtidas apenas pela observação. As entrevistas foram todas desenvolvidas *on-line*, por meio dos aplicativos Google Forms, Whatsapp e Zoom.

9 Durante o período de distanciamento social, apenas 45 alunos mantiveram seus estudos na escola. Logo, apenas cinco não participaram de nenhum momento da pesquisa.

10 A escola tem como base de ensino o Método Russo (Vaganova).

11 Ver: www.instagram.com; Ver: www.facebook.com; Ver: www.youtube.com; Ver também: www.zoom.com.

CAPITAL SOCIAL E *BALLETON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA

A escola analisada conta com mais de 60 anos de tradição no ensino de dança clássica e com mais de 100 alunos. As aulas se caracterizavam por serem desenvolvidas sempre presencialmente e por (pelo menos) duas vezes por semana, contando com professores qualificados e apresentações semestrais. Com métodos de ensino tradicionais¹⁰ característicos da dança clássica, a escola é uma das mais renomadas da sua região no país. Entretanto, com o início da pandemia causada pelo novo coronavírus, o distanciamento social foi necessário e as aulas passaram a ser virtuais.

Dentre as ferramentas utilizadas durante este ensino *on-line*, encontram-se as plataformas de redes sociais Instagram, Facebook e Youtube e a plataforma para aulas virtuais Zoom.¹¹ O Zoom foi utilizado principalmente para o desenvolvimento de aulas e atividades extras propostas pela escola, permitindo uma conversação e interação síncrona entre professores e alunos. O Facebook atuou como lugar de divulgação de informações, buscando trabalhar, manter e promover valores

sociais relacionados à escola nas plataformas de redes sociais (como a visibilidade, a reputação, popularidade e autoridade). O Instagram também teve a mesma função que o Facebook, além de promover *lives*¹² que visavam atingir um público além dos alunos.¹³ O Youtube foi utilizado para a divulgação dos trabalhos da escola, bem como promover eventos.¹⁴

Ainda que estes três últimos não apontem – em um primeiro momento – estar associados à intenção direta de ensino (prático) do *ballet* clássico¹⁵ aos alunos, eles também funcionaram com este propósito e de forma mais ativa que no período anterior à pandemia (principalmente quando focado no capital cognitivo), visto que constantemente as alunas e os alunos eram chamados para participar das *lives*, para colaborar com material nas plataformas (como envio de fotos) e para assistir às produções audiovisuais com conteúdos sempre referentes à dança clássica¹⁶ desenvolvidos pela escola.

Com a migração das atividades para o formato *on-line*, a escola acabou perdendo alunos, permanecendo 45 estudantes de *ballet* clássico (pelo menos durante o período exclusivamente remoto). Destes 45, 41 responderam ao questionário/entrevista.

Quando questionados sobre as aulas de dança desenvolvidas pelo Zoom, 51% consideraram as aulas excelentes e 49% trouxeram ressalvas (sendo 42% considerando as aulas boas e 7% regulares). Quando questionados sobre os possíveis motivos de trazerem ressalvas (ou refletirem o motivo de colegas trazerem ressalvas) ao ensino do *ballet* de forma *on-line*, os(as) respondentes disseram estar associado a:

- a. Dificuldades de acesso (46%): a conexão à internet nem sempre era boa. Logo, a música chegava com atraso e fora da “contagem do professor”, o que dificultava a execução dos passos. Muitas vezes o aparelho utilizado não tinha boa qualidade de transmissão ou era limitado nas formas de visualização dos exercícios (pois partem de uma imagem 2D, em uma tela plana e com o enquadramento escolhido pelo professor);

12 *Lives* são transmissões desenvolvidas “ao vivo”, transmitidas através de plataformas de redes sociais.

13 Por exemplo, pelo Instagram, a escola desenvolveu aulas públicas, bem como palestras pelas professoras, ex-alunas e a própria diretoria relacionada ao *ballet* clássico.

14 Por meio do Youtube desenvolveu-se não apenas mostras de espetáculos da escola, como também se criou um evento (associando-o com o Zoom) de conunho nacional referente à dança clássica.

15 Pois estariam ligados mais à busca e/ou manutenção de valores sociais como o aumento da visibilidade da escola nas redes (e consequente popularidade), a busca pela manutenção ou mesmo potencialização da reputação e autoridade no assunto diante do seu público virtual.

16 Por exemplo, foram promovidas “aulas” onde a diretora e professoras da escola contavam a história de *ballets* de repertório ou mesmo sobre a história da dança no mundo ocidental.

- b. Dificuldades espaciais/estruturais (61%): por vezes, o lugar para o desenvolvimento dos exercícios não era apropriado por ser considerado pequeno, o chão ser o “ruim” e/ou por não ter a barra para execução dos exercícios. Assim, os(as) estudantes relataram a dificuldade em desenvolver a técnica solicitada pelo(a) professor(a) devido a falta de uma estrutura adequada;
- c. Dificuldades pessoais (32%): alguns respondentes alegaram a falta de concentração por não estarem no ambiente propício para o ensino do *ballet* (sala de aula equipada etc.), bem como certa perda de interesse, gerando um desestímulo para a continuidade das aulas. Esta questão, entretanto, também foi relacionada com a própria lógica da pandemia, que aponta ter trazido junto, um alto índice de doenças mentais pela falta de sociabilidade; (ORNELL et al., 2020)
- d. Queda da qualidade de aprendizagem/ensino (71%): os respondentes reclamaram de certa perda de qualidade das aulas, pois além de terem dificuldade de visualizar os exercícios passados pelo professor, percebiam que não eram plenamente observados devido às limitações da tecnologia (enquadramento de tela, lentidão na conexão etc.). Consequentemente, alegaram a preocupação em cair no rendimento e perder o preparo físico;
- e. Falta do contato/interação social física (66%): os respondentes alegaram que sentiam falta do contato físico com colegas e com professores. Não apenas para correção, mas especialmente pela afetividade.

Essas dificuldades apontam estar relacionadas à perda de valores sociais buscados e partilhados com o grupo e que estão ligados ao ensino da dança clássica, conforme abordado anteriormente. Por exemplo, quando um dos respondentes afirma: *“É difícil ver e ouvir, fora quando há quedas na internet. Isso afeta o ensino. Presencialmente a visualização dos exercícios é melhor”* (apontando dificuldade de acesso), percebe-se uma preocupação de não conseguir adquirir o capital cognitivo. Do mesmo modo, a fala *“Devido ao pouco*

espaço que tenho em casa, tenho dificuldade de executar os exercícios propostos corretamente, principalmente os que exigem trabalho de equilíbrio, pois eu escorrego muito. Meu rendimento está caindo” (apontando a dificuldade estrutural e queda na qualidade da aprendizagem), parece indicar uma preocupação do corpo em perder a “forma” clássica, indicando uma inquietação com o capital normativo do *ballet*.

A perda do capital relacional acumulado pelos(as) alunos(as) também foi sentida, principalmente quando os respondentes relataram as dificuldades pessoais e a falta do contato/interação social física:

Não é a mesma coisa sem as colegas e as professoras em volta. Sinto falta de interagir com meus colegas entre um exercício e outro” e “tem sido difícil se adaptar a esse novo estilo de aulas. É diferente e sinto falta do presencial, das colegas e professores. Tudo é mais frio.

Apesar disso, durante a observação participante, foi possível perceber o esforço (principalmente da direção) em transpor a comunidade da escola para o mundo virtual. Não apenas em desenvolver aulas (que tinham como foco este *capital normativo* e *cognitivo*), mas também na promoção de eventos que focaram o fortalecimento dos laços de suas comunidades virtuais e de outras instituições (*capital relacional* e *institucional*) e que não eram comumente desenvolvidos antes da pandemia. Por exemplo, o desenvolvimento de gincanas, nas quais alunas(os) foram convidadas(os) a fazer uma videodança que foi compartilhada em uma mostra *on-line* (pelo *Youtube*) com demais colegas. Do mesmo modo, jogos coletivos foram desenvolvidos (*Just Dance*),¹⁷ festas (Junina) buscando não apenas fortalecer o capital relacional por meio da interação entre alunos e professores, como também desenvolver o capital confiança no ambiente.

Alguns respondentes demonstraram a preocupação da escola retornar e não ter a segurança necessária para os(as) alunos(as) (7% dos respondentes) devido à pandemia não estar contida, o que pode indicar uma preocupação com a perda do capital de confiança no ambiente. Outros ainda apontaram a preocupação da escola em fechar ou mesmo perder seus projetos e parcerias por causa do novo formato, indicando o prejuízo do *capital institucional*, conforme afirma um dos

17 Ver: <https://justdance.com/>.

respondentes: *“Tenho medo que a escola feche as portas e a gente perca tudo o que construímos. [...] Além disso, fico receosa de voltar as aulas e a pandemia estar em alta. A gente pode se contaminar e seria muito ruim isso”*.

Dentre os pontos positivos do ensino do *ballet on-line*, os respondentes indicaram:

- a. Ajuda à manutenção da saúde mental/corporal (15%): as aulas de dança mantinham os(as) alunos(as) ocupados e o corpo em atividade. O professor entrevistado afirmou: *“Sem as aulas, as alunas estariam mais estressadas. É talvez a única forma de exercício durante o isolamento social. Então acho que ajuda a manter a mente sã e o corpo ainda que minimamente em atividade para não perder a forma”*. Em sua fala, percebe-se a preocupação de uma possível perda do *capital normativo* relacionado à técnica corporal. Entretanto, ele reconhece vantagens na manutenção do ensino, ainda que de forma exclusivamente *on-line* no contexto da atualidade;
- b. Proporcionar a interação social no tempo de pandemia (42%): como já dito, por causa do distanciamento, a interação social física ficou comprometida, implicando na necessidade de interagir no mundo *on-line*, conforme o trecho de um aluno a seguir: *“As aulas são importantes para se conectar com outras pessoas na quarentena. Percebo que o aprendizado ‘emocional’ ganhou muito. Passamos a valorizar mais outras coisas também, como nossa amizade do ballet”*. Nesta fala, o *capital relacional* aparece com força, pois o aluno reconhece a sua seriedade de voltar seu olhar de um modo mais afetivo para seus colegas, o que, talvez, não fosse tão percebido ou valorizado antes da pandemia;
- c. Praticidade das aulas (27%): a não necessidade de deslocamento físico acabou por ampliar o tempo disponível entre as tarefas dos alunos e professores, conforme o professor entrevistado respondeu: *“Não temos a necessidade de grandes deslocamentos. Cinco minutos antes eu me visto, ligo o computador e estou pronto em qualquer lugar da casa”*;

- d. Maior desenvolvimento da consciência corporal (28%): alguns dos respondentes afirmaram que passaram a prestar mais atenção em seu próprio corpo (tanto pelo “distanciamento” e dificuldade de passagem das técnicas e correções pelo professor, como pelas dificuldades de execução dos exercícios). Ou seja, o foco e a concentração ganharam espaços até mesmo em exercícios simples. É o que diz a aluna a seguir: *“O foco passa a ser somente em meu corpo e na execução dos meus movimentos, no que eu consigo fazer e melhorar”*;
- e. Inovação nas abordagens de ensino e aprendizagem além da técnica: este ponto positivo foi enaltecido tanto pela diretora, quando pelo professor e aluna entrevistados, como pelos respondentes do questionário (33%). Com o esforço da escola, dos professores e alunos(as) para se adaptar, outros valores começaram a ser focados nas aulas e demais atividades da escola visando incentivar o ensino, além da técnica de execução. Assim, as novas abordagens de ensino indicam ter gerado novos conhecimentos e valores sociais, conforme aponta a alunas no trecho a seguir: *“Além das aulas serem mais curtas, no formato on-line eu estou aprendendo mais sobre o ballet, mesmo de longe, pois falamos de coisas que nunca tinha falado antes... coisas mais teóricas e de arte”*.

Ainda nesse ponto, a diretora da escola relata que várias atividades foram criadas com o intuito de manter o “ensino da dança clássica” e, também, o vínculo das(os) alunas(os) com a escola. A escola “reinventou-se” (palavras da diretora) no mundo virtual, oferecendo oficinas de maquiagens e de coque, aulas sobre a história da dança ou sobre grandes espetáculos, dias de brincadeiras e jogos, aulas de alongamento e, até mesmo, o desenvolvimento de eventos públicos foram realizadas. Desse modo, percebeu-se que a dinâmica do ensino do *ballet* na escola foi modificada ao longo do tempo e do espaço condicionado ao contexto pandêmico –algumas aulas tiveram horários reduzidos e modificados, focando mais em exercícios que exigissem pouco deslocamento, ou mesmo em um maior tempo de aulas com métodos lúdicos para as crianças menores, por exemplo.¹⁸

18 Ainda que a escola já utilizasse jogos como abordagem metodológica para o ensino do *ballet* para crianças, estas técnicas passaram a ocupar mais espaço nas aulas *on-line* com relação às aulas presenciais. Essa atuação se deu devido aos professores perceberem que, em determinado momento das aulas, suas alunas já não conseguiam prestar tanta atenção à tela.

Conseqüentemente, as cobranças, as exigências, os valores preconizados no ensino do *ballet*, tanto por parte dos professores, quanto por parte dos alunos, também apontaram sofrer transformações e adaptações, conforme será possível perceber nas informações a seguir.

Perguntou-se aos estudantes os graus de importância referentes a valores comentados anteriormente (que inclusive foram citados nas dificuldades do ensino remoto da dança clássica). Esses valores foram pontuados em: “nenhuma importância” (azul), “pouca importância” (vermelho), “média importância” (laranja), “bastante importância” (verde) e “fundamental importância” (roxo) e foram classificados pelos alunos tanto nas aulas presenciais, quanto nas aulas *on-line*.

Por favor, selecione o GRAU DE IMPORTÂNCIA que tu consideras para cada um destes pontos nas AULAS FÍSICAS, REALIZADAS NA ESCOLA ANTES DO ISOLAMENTO.

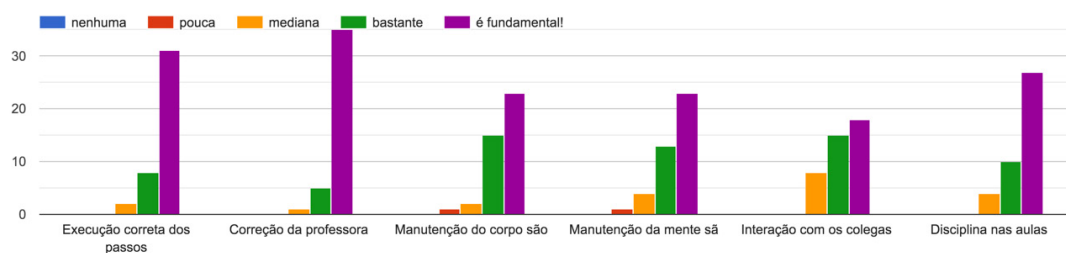


FIGURA 1: Gráfico ilustrativo do grau de importância atribuído a valores comentados pelos respondentes do questionário nas aulas presenciais

Fonte: dados da pesquisa.

Agora selecione o GRAU DE IMPORTÂNCIA que tu consideras para cada um destes pontos nas AULAS ONLINE NESSE MOMENTO DE ISOLAMENTO, exclusivamente.

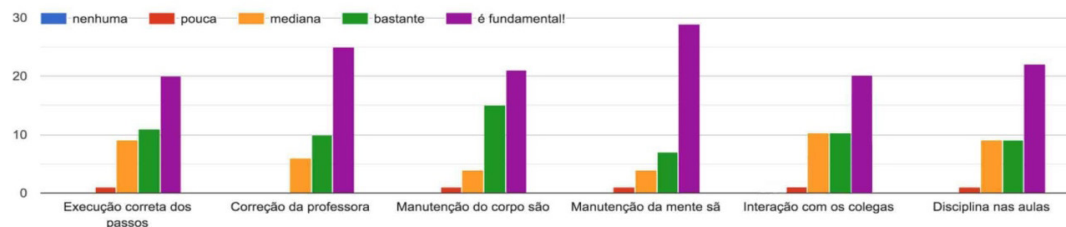


FIGURA 2: Gráfico ilustrativo do grau de importância atribuído a valores comentados pelos respondentes do questionário nas aulas *on-line*

Fonte: dados da pesquisa.

A seguir, apresenta-se uma tabela resumida com o número de respostas atribuídas e ilustradas nos gráficos referentes aos valores preconizados nas aulas presenciais (PR) e nas aulas *on-line* (ON).

Quadro 1 – Grau de importância considerado pelos estudantes de ballet referentes a valores preconizados no ensino da dança clássica na modalidade presencial (PR) e *on-line* (ON)

Grau de importância	nenhuma		pouca		mediana		bastante		fundamental	
	PR	ON	PR	ON	PR	ON	PR	ON	PR	ON
Presencial (PR) / <i>On-line</i> (ON)	PR	ON	PR	ON	PR	ON	PR	ON	PR	ON
Execução correta dos passos	0	0	0	1	2	9	8	11	31	20
Correção da professora	0	0	0	0	1	6	5	10	35	25
Manutenção do corpo são	0	0	1	1	2	4	15	15	23	21
Manutenção da mente sã	0	0	1	1	4	4	13	7	23	29
Interação com os colegas	0	0	0	1	8	10	15	10	18	20
Disciplina nas aulas	0	0	0	1	4	9	10	9	27	22

Fonte: dados da pesquisa.

Por meio desses dados é possível perceber que valores associados ao *capital normativo* (execução correta dos passos – dentro das exigências técnicas do *ballet*, manutenção do corpo são e a própria disciplina exigida), perdem força no universo *on-line* (de 31 para 20 pontos) em comparação com o ensino presencial. Talvez este fato se justifique não apenas pelas dificuldades e limitações tecnológicas apontadas anteriormente, como também pelas próprias características e potencializações oferecidas pelo ambiente *on-line*. O mesmo ocorre com o *capital cognitivo* – em especial, a passagem das correções da professora – (de 35 para 25). Entretanto, é importante enfatizar que o *capital cognitivo* parece expandir seus espaços de atuação na comunicação mediada pela internet – conforme foi possível perceber durante a observação participante –, pois se tira o foco essencialmente centrado na captação de informações de execução/correção dos passos/exercícios e se passa a trazer *capital informacional* relacionado a elementos históricos, culturais, artísticos e identitários da escola e do *ballet* clássico. Além disso, como apresentado por Primo (2020), elementos psicológicos podem ter pesado, tirando o foco dos alunos e alunas nestes valores normativos e cognitivos e direcionando-os para o relacional, visto que o distanciamento social é o contexto temporal e histórico vivido pelos grupos durante a pesquisa.

Outro ponto que tem um aumento significativo (de 23 para 29) é a importância de manter a mente sã. Ainda que seja um valor buscado nas aulas presenciais, é possível perceber que ele aumenta, ultrapassando o maior valor referente à manutenção do corpo são (23). Ou seja, novamente este dado pode indicar que mais do que fazer os passos de forma correta, mais do que exigir um corpo disciplinado, no momento das aulas *on-line*, os(as) estudantes focaram no bem-estar mental (possivelmente também influenciado pelo contexto pandêmico).

O capital relacional aumenta um pouco o seu valor nas aulas *on-line* em comparação com o ensino remoto (de 18 para 20). Ainda que se tenha observado que durante as aulas os(as) alunos(as) costumavam manter uma disciplina rígida, a importância da interação social e/ou sociabilidade (seja com colegas ou professores) parece ser mais valorizada durante este período analisado. Também é compreensível que se fala de interações diferentes: a *on-line* e a concreta (ou seja, sente-se a falta da interação social física, mas também se reconhece e se valoriza a possibilidade da interação *on-line* diante das dificuldades vivenciadas).

A partir destes dados, percebeu-se que houve, então, “a necessidade de uma desconstrução dos códigos estabelecidos como validadores dos corpos que podem dançar”. (NICOLINI, 2020, p.139) Ocorreu a necessidade de adaptar o ensino do *ballet* ao mundo virtual e, conseqüentemente, (re)descobrir códigos/valores da dança clássica para serem trabalhados, (re)adaptados e (re)estimulados seguindo a lógica da Cibercultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou compreender os capitais sociais potencializados na articulação entre as dinâmicas sociais da internet e o ensino da dança clássica diante da situação mundial de distanciamento social causada pelo novo coronavírus. Percebeu-se que alguns tipos de capital social preconizados por esta arte e técnica no ensino presencial (como o capital normativo, cognitivo,

relacional, institucional e confiança no ambiente) sofreram transformações e novos redirecionamentos no ensino *on-line*.

O capital social normativo, enquadrado nas técnicas, na execução perfeita dos passos na música e na interpretação, assim com o capital cognitivo, focado na absorção das informações passadas pelo professor, enquanto mestre e detentor do saber da dança clássica, apontaram abrir espaços para o desenvolvimento e fortalecimento de outros tipos de capital social (como o relacional, outros formatos do cognitivo, o institucional e até mesmo o de confiança no ambiente). Significa que se desenvolveu o foco na interação social, explorando outros componentes que podem fazer parte da dança e foram trabalhados virtualmente, buscando a sociabilidade, fortalecendo não apenas laços sociais, como também a consciência colaborativa e noção da atribuição da arte a uma esfera além da técnica, mas mais social e sentimental (especialmente pela situação de distanciamento social).

Foi necessário, então, ainda que de forma processual, que artistas, escolas e bailarinos ressignificassem seus processos de ensino e aprendizagem por meio do formato *on-line*, atentando para os elementos oferecidos e limitados pela comunicação mediada pela internet. O “*ballet on-line*” passou a oferecer outras ferramentas e abordagens que focam também o ensino, porém mais associadas às premissas de interação promovidas pela comunicação mediada pela internet. Aulas diferenciadas (de coque, maquiagem), jogos, aulas teóricas e encontros festivos passaram a incorporar a rotina do ensino da dança clássica no ciberespaço, o que promoveu o desenvolvimento de capitais sociais (valores) característicos da interação *on-line* e um “reinventar” no modo de ensinar a dança clássica para além das formas tradicionais propostas em aulas práticas e concretas.

Reconhecemos a limitação do estudo (desenvolvido em uma única escola, por meio de um estudo netnográfico por quatro meses). Porém, por meio dele, compreendeu-se que a experiência e o modo operante são diferentes com relação à busca, à compreensão dos valores desta arte quando desenvolvida no ciberespaço. Isto implica em percebermos a urgência em entender as dinâmicas e potencialidades da interação mediada pela internet no campo das artes, em especial da dança. Mais do que nos centrarmos nos limites das tecnologias, é necessário pensarmos nas possibilidades que ela nos oferece, capazes de não apenas

ressignificar o ensino da arte (mesmo danças com alto grau de exigência técnica, como o *ballet* clássico), mas também de potencializar valores sociais. Logo, arte e tecnologia nunca estiveram tão unidas na contemporaneidade, indicando uma verdadeira “reinvenção” do ensino e dos modos operantes de capitais sociais do *ballet* clássico na cibercultura, especialmente durante os tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. A Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Comunicação Cibernética*, [s. l.], p. 34-40, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ANJOS, K. S. S.; OLIVEIRA, R. C.; VELARDI, M. A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 439-452, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/3j5NYnyGWBzfXj6SCtDqyJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ASSUMPÇÃO, A. C. R. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 6, p. 1-20, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/52>. Acesso em: 8 set. 2021.

BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G. *Social capital, a multidimensional concept*. [S. l.: s. n.], 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sonia_Bertolini/publication/265269975_Social_Capital_a_Multidimensional_Concept/links/57177ec608aeb56278c46b5c.pdf. Acesso em: 2 nov. 2020.

BOURDIEU, P. Economic capital, cultural capital, social capital. *Soziale-Welt, Supplement*, Göttingen, v. 2, n. 13, p. 183-198, 1983.

BOYD, D. Social Network Sites: public, private, or what?. *Knowledge Tree 13*, [s. l.], p. 1-7, 2007. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/KnowledgeTree.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2020.

BULHÕES, M. A. O ciberespaço como lugar de produção artística. *DATJournal*, São Paulo, v.5 n.3, p. 113-125, 2020. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/download/244/195>. Acesso em: 15 jan. 2021.

CAPELATTO, I.; OLIVEIRA, K. M. *Videodança*. Guarapuava: Unicentro, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/821/5/Videodan%c3%a7a.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2021.

CARVALHO, K. A. P. S. *Bastão em punho: o relacionamento professor-aluno no ensino de ballet*. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253069>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FUX, M. *Dança, experiência de vida*. São Paulo; Summus Editorial, 1983.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, p. 1360-1380, 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2776392?seq=1>. Acesso em: 24 nov. 2020.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

KERCHE, C. Ballet clássico: formação e atuação. A dança clássica: dobras e extensões. *Nova Letra*, Joinville, p. 43-49, 2014.

KOZINETTS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Ed., 2014.

LEMOS, A. *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2002. v. 320.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LOURENÇO, F. *Estética da dança clássica*. Lisboa: Cotovia, 2014.

NICOLINI, F. O efeito *mirror* como ferramenta para a desconstrução digital em dança. In: AMARAL, S. F.; VOLPE, M. F. E.; GARBIN, M. C. *Dança e Tecnologia, quais danças estão por vir?*. Salvador: ANDA, 2020. p. 137-151.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O. et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*, Rio de Janeiro, p. 2-7, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/63220777/PandemiademedoeCOVID-19impactona20200506-102677-146aa84.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PALACIOS, M. S. Cotidiano e sociabilidade no cyberspaco: apontamentos para uma discussão. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (org.). *O Indivíduo e as mídias*. Rio De Janeiro, 1998. p. 87-104.

PEREIRA, C. S. R. F.; SIMAS, J. P. N.; BOING, L. et al. Nível de ansiedade em bailarinos pré e pós competição. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 116-125, 2014.

PRIMO, A. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19: emotions and relationships during social isolation: intensifying the use of social media for interaction during the covid-19 pandemic. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 21, n. 47, p. 176-198, 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7283. Acesso em: 21 jan. 2021.

PRIMO, A. Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs. *Líbero*, Milano, v. 12, p. 107-116, 2009. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Existem-celebridades-da-e-na-blogosfera.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

REBS, R. R. *Identidade em social network games: a construção da identidade virtual do jogador do FarmVille e do SongPop*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3368>. Acesso em: 30 jul. 2020.

REBS, R. R. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. *Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, DF, v. 4, n. 1, p. 74-102, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/2439>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

RECUERO, R. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 88-106, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3340>. Acesso em: 30 jul. 2020.

RHEINGOLD, H. *La Comunidad Virtual: una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1994. (Colección Limites de La Ciência).

SANTANA, I. *Dança na cultura digital*. São Paulo: Edufba, 2006.

SCHULZE, G. B. Um olhar sobre videodança em dimensões. In: CONGRESSO DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 5., 2010, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: ABRACE, 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Guilherme%20Barbosa%20Schulze%20-%20Um%20olhar%20sobre%20videodan%20em%20dimens%20F5es.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SKIBA, A. C.; SAVEEDRA, F. J. F.; SOUSA, M. S. C. et al. Efeito da prática do Ballet clássico na função cognitiva de atenção seletiva de crianças entre 9 e 11 anos. *Motricidade*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 1-7, 2018.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WILDER-SMITH, A.; FREEDMAN, D.O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *Journal of travel medicine*, Oxford, v. 27, n. 2, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/jtm/article/27/2/taaa020/5735321>. Acesso em: 30 jul. 2020.

REBECA RECUERO REBS: é Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) dos cursos de Cinema e Audiovisual, Cinema de Animação e do curso de Dança. É também pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Possui pós-doutorado em Letras e mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação com ênfase em pesquisas em torno das tecnologias e audiovisualidades. É líder do grupo de pesquisa Produções Audiovisuais na Cibercultura (PRACIBER).